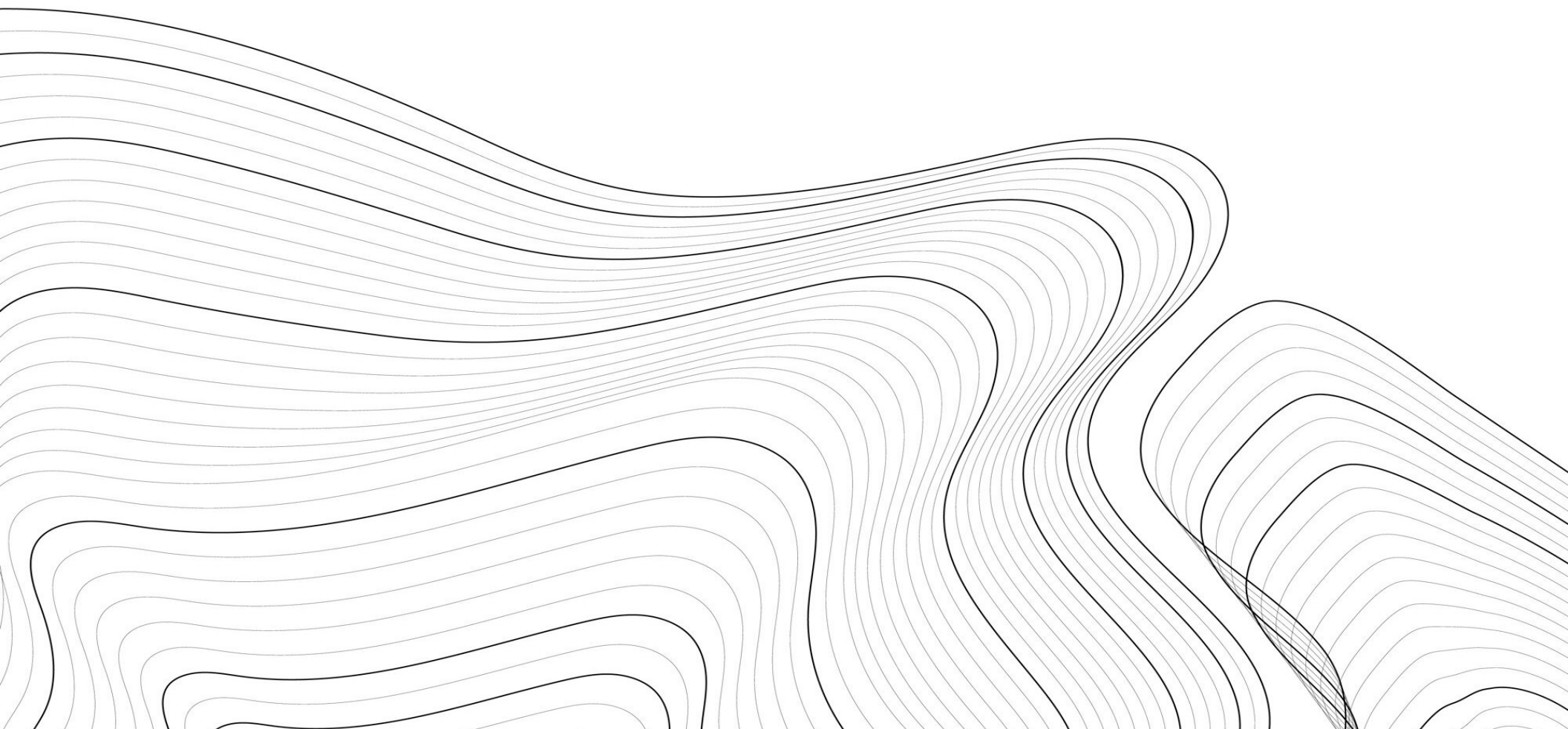


ENTRE

LINHAS E TIJOLOS

RETRATOS DE UMA CIDADE QUE FALA PELAS PAREDES



ENTRE
LINHAS E TIJOLOS

ENTRE

LINHAS E TIJOLOS

RETRATOS DE UMA CIDADE QUE FALA PELAS PAREDES

TÍTULO: ENTRE LINHAS E TIJOLOS

SUBTÍTULO: RETRATOS DE UMA CIDADE QUE FALA PELAS PAREDES

TEXTO E CONCEPÇÃO: RAFAELA GIACON

FOTOGRAFIAS AUTORAIS: RAFAELA GIACON

EDIÇÃO: RAFAELA GIACON

REVISÃO FINAL: CLEVERSON SCHUENGUE DOS REIS

REVISÃO GRAMATICAL: INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL – CHATGPT

DIAGRAMAÇÃO E PROJETO GRÁFICO: RAFAELA GIACON

ANO DE REALIZAÇÃO: 2025

MUNICÍPIO: PINHAIS – PR

**PROJETO REALIZADO COM RECURSOS DA LEI ALDIR BLANC
POLÍTICA NACIONAL ALDIR BLANC DE FOMENTO À CULTURA
(PNAB)
MUNICÍPIO DE PINHAIS.**

Este livro é fruto de um sonho que atravessa ruas, memórias e afetos. Nasce como um tributo às vozes silenciosas de uma cidade que fala com o tempo.

Agradeço profundamente àqueles que me inspiraram a caminhar, observar e registrar. Esta obra é também deles, porque nasceu do amor, da escuta e da partilha.

Dedico este projeto à minha maior con-

fidente e incentivadora, minha irmã Flávia, que, mesmo ausente fisicamente, continua viva em cada imagem que capturo e em cada palavra que escrevo.

E ao meu pai, Marcos, que, com seu jeito simples e curioso, sempre buscava conselhos com amigos e conhecidos para poder me orientar da melhor forma. Seu apoio silencioso foi meu alicerce.

COM AMOR ETERNO, ESSA OBRA É PARA VOCÊS.

PARA QUEM ENSINOU QUE AMAR É TAMBÉM OBSERVAR COM ATENÇÃO.

BEM - VINDO!

Pinhais é feita de memórias escondidas nas esquinas e beleza camuflada entre o concreto e o tempo.

Você já parou para observar um par de tênis pendurado no fio de luz de uma rua movimentada? Luiza já. E, para ela, isso nunca foi apenas um objeto esquecido — mas o começo de uma história.

Fotógrafa urbana e moradora de Pinhais há cinco anos, Luiza desenvolveu um olhar sensível sobre a cidade — uma cidade que muitos conhecem pela pressa, pelas áreas industriais e por seus parques exuberantes, mas que poucos notam nos detalhes.

Enquanto a cidade pulsa em ritmo acelerado, Luiza caminha pelas ruas em silêncio, enxergando poesia no descascado das pinturas de muros, encanto nas rachaduras de fachadas antigas, e ouvindo histórias sopradas por construções que resistem ao

tempo.

Foi assim que nasceu este livro: do desejo de registrar o invisível, valorizar o esquecido e eternizar o cotidiano.

“Entre Linhas e Tijolos” é o passeio íntimo de uma moradora que há cinco anos, descobre, a cada esquina, uma cidade em camadas. Entre imagens e palavras, Luiza compartilha o que seus olhos encontram e o que seu coração interpreta.

Cada capítulo é um retrato de um lugar que fala — mesmo em silêncio.

Este não é um livro sobre ela.

É um livro sobre nós.

Sobre a cidade que pulsa em cada pinheiro e sobre a beleza que insiste em viver nos detalhes.

“Fotografar é colecionar instantes que contam o que a cidade calou.”

- Autora

O PINHEIRO MILENAR

Guardião silencioso da história e da memória de Pinhais.



Com mais de 300 anos, o pinheiro que habita o pátio do Colégio Suíço-Brasileiro não é apenas uma árvore: é um arquivo vivo. Suas raízes tocam camadas do tempo; seus galhos assistiram à cidade nascer e crescer. Ali, entre a sombra e a brisa, pulsa uma energia ancestral que só quem se aproxima percebe.

Luiza sentiu isso. Fotógrafa e sensível às histórias que não se dizem, às emoções que vivem nos espaços e nos silêncios, aproximou-se do tronco, encostando a palma da

mão na casca rugosa.

Sentiu calor. Quietude. Movimento.

Como se o próprio tempo, concentrado ali, pedisse para ser contado.

A araucária sussurrou imagens que não cabem em palavras: trilhos se formando na mata, operários moldando tijolos ainda quentes, uma cidade crescendo aos poucos ao redor da cerâmica e da fé.

E, naquele instante, Luiza compreendeu: sua missão era ouvir com os olhos e contar com a lente.

A cidade fala — basta saber escutar com atenção e um pouco de coragem.

- Autora



*Com mais de 300 anos, este pinheiro não
apenas cresce — ele guarda.
Guardou trilhos, tijolos, silêncios e histórias.
É raiz viva da cidade que aprendeu a existir
ao seu redor.*

Se o pinheiro contava histórias com o silêncio, a Estação Ferroviária de Pinhais falava através do som — de apitos antigos, do ferro contra o ferro, do embarque apressado de um trabalhador indo para Curitiba ao amanhecer, da despedida lenta de um amor que acenava da janela, enquanto a donzela permanecia na plataforma.

Luiza chegou ao local com a câmera pendurada no pescoço e o coração atento. Três construções dividiam aquele mesmo solo: a estação mais recente, ainda ativa e funcional, e duas laterais, com marcas do tempo visíveis nas estruturas — janelas fechadas, paredes descascadas, mas ainda de pé, como guardiães pacientes de um passado que resiste.

Juntas, formavam um retrato fiel do tempo: o ontem, o hoje e o que ainda insiste em permanecer.

A estação mais antiga foi inaugurada em 5 de fevereiro de 1885. Por seus trilhos, passaram vagões carregados de erva-mate, madeira e histórias humanas. Ali começava o traçado da cidade que ainda nem era, oficialmente, uma cidade. O bairro Weissópolis cresceu ao redor dos trilhos, como se o

trem tivesse puxado, além de cargas, os primeiros contornos da urbanização de Pinhais.

Enquanto explorava o lugar, Luiza fotografava não apenas fachadas. Ela capturava respingos de tempo: o reboco solto, o brasão da Rede Ferroviária Federal S.A. desbotado pelo sol, a ferrugem que desenhava mapas nas grades, os bancos de concreto que já sustentaram gerações de passageiros.

Havia ali uma sensação estranha — de presença e ausência. Como se as estações desativadas estivessem apenas cochilando, esperando que alguém as despertasse para contar o que lembravam.

O sol tocava as linhas do trilho, e as sombras das construções criavam molduras naturais para suas imagens.

*Em silêncio, Luiza clicava. Não eram fotos comuns. Eram perguntas congeladas
Para onde foram todas essas vidas que passaram por aqui?
O que essa estrutura ainda tem a dizer?
Ao final da visita, ela olhou para trás antes de partir.
O trem seguia seu caminho, lento.
E as estações antigas continuavam ali — como monumentos de um tempo que
ainda ecoa, se alguém parar para ouvir.*







ONDE O SILÊNCIO CRESCE EM MADEIRA E FOLHAS

O novo que abraça o passado com raízes firmes e sombra generosa.



A poucos passos dos trilhos da estação, Luiza encontrou o contraponto perfeito ao ferro e ao concreto: o Bosque Municipal de Pinhais.

Um espaço novo, contemporâneo, que respira natureza e urbanidade com a mesma suavidade.

Um projeto arquitetônico recente, sim, mas que parece respeitar o tempo com a mesma reverência que o pinheiro milenar.

Ao atravessar o portal de entrada, feito em madeira bruta, ela percebeu: tudo ali exigia uma atenção que poucos estão dispostos a oferecer. As formas eram simples, mas

cheias de intenção — a madeira, os bancos, o silêncio proposital das trilhas internas. Como se o Bosque soubesse que o tempo é melhor aproveitado em ritmo de caminhada.

Luiza caminhou devagar. Fotografava com delicadeza, registrando ângulos que normalmente passariam despercebidos: a textura do telhado de sapê, o banco esculpido de um único tronco, o desenho da passarela de madeira sobre o lago — tudo falava, como a cidade inteira parecia fazer com ela desde o primeiro clique.

Ali, entre madeira e folhas, a cidade deixa de ser ruído.

- Autora





E ali, entre as sombras das árvores e os sons abafados da cidade ao redor, ela teve uma sensação de continuidade.

Como se a cidade estivesse tecendo sua própria história por capítulos. Primeiro o trem, depois o bosque... e, logo mais, uma igreja — aquela construída por Guilherme Weiss e doada à comunidade, ainda no início do século XX.

A fé, a natureza e a locomoção: três forças que construíram Pinhais. E agora, diante dela, os caminhos se encontravam.

O Bosque, mesmo sendo moderno, carregava o mesmo espírito da estação e da igreja: um convite para desacelerar e sentir. Era ali que a cidade deixava de ser cenário e virava personagem.

Cada detalhe parecia ter sido pensado para pausar. O trançado do telhado de sapê, visto de dentro, formava desenhos que lembravam mandalas naturais.

Era como se a estrutura dissesse:

“Aqui, o tempo se organiza de outro jeito.”

Mais adiante, a trilha levava ao coração do



bosque. Luiza caminhava ouvindo o som seco das folhas sob os pés, o balançar das árvores e os sussurros do vento entre os galhos. O cenário pedia respeito — e oferecia paz.

Enquanto fotografava, Luiza não via apenas paisagem. Ela enxergava a alma de uma cidade que, mesmo crescendo, não se esquece de onde veio.

E o Bosque, com sua simplicidade e presença, era prova viva disso.

E, naquele instante, entre luz filtrada pelas copas e texturas de madeira

antiga, Luiza compreendeu: o Bosque não foi feito apenas para ser visitado, mas para ser vivido — como um respiro da cidade, como um lugar onde o presente se curva diante do passado com gentileza.

*Nô centro da pressa, o bosque é resistência —
um convite ao agora.*

– Autora



A IGREJA QUE FICOU

De doação e devoção, a fé também é tijolo que sustenta a cidade.



Mais do que um ponto no mapa, a Igreja Nossa Senhora da Boa Esperança se ergue como um marco de memória e permanência.

Luiza chegou até ela conduzida pelo silêncio do bosque e pela curiosidade que a guiava desde os trilhos. E ali, no alto da colina, a fé tomou forma em paredes brancas que resistem ao tempo.

A construção exibe traços neogóticos: janelas ogivais — em forma de arco pontiagudo, típicas das igrejas medievais — que apontam

para o céu como preces de pedra; paredes robustas, com pequenas rachaduras que o tempo insiste em assinar; e uma torre esguia que atravessa o céu nublado de Pinhais como um dedo erguido em reverência.

Foi ali que Luiza descobriu mais que arquitetura: descobriu histórias.

Dulcinéia, moradora antiga do bairro, casou-se nessa igreja logo aos 18 anos, com seu primeiro amor.

Seu primogênito, hoje com 36, guarda o álbum de casamento da mãe como relíquia. “A igreja era a mais bonita da época”, ele conta.

Entre o branco das paredes e o tempo que passa, ainda mora a coragem das promessas.

- Autora



ERGUIDA PARA UM AMOR, DOADA POR UM PAI

a igreja carrega nas paredes as promessas de ontem.



“As fotos do casamento ainda têm cheiro de flor e som de sinos” completa o primogênito.

Mas, antes de ser palco de encontros comunitários, a igreja nasceu com outro propósito. Guilherme Weiss, o mesmo que transformou o barro em cidade, construiu a capela originalmente para o casamento de sua filha.

Um gesto de amor de um pai, que se transformou em um presente coletivo — e, mais tarde, em doação à comunidade.

Luiza, enquanto fotografava, entendeu que ali o tempo não passava: ele repousava. A igreja resistia não apenas pelo concreto, mas porque abrigava aquilo que jamais desmorona — pertencimento, memória, fé.



*Há lugares que testemunham o
tempo. Outros, o amor. Esta igreja,
silenciosamente, guarda os dois.
- Autora*



A poucos quilômetros da Igreja da Boa Esperança, Luiza encontrou uma capela que parecia ter nascido do silêncio e da simplicidade: a Capela Nossa Senhora da Luz.

Diferente em tudo — na arquitetura, na escala, na localização —, mas igual no que realmente importa: o elo com o sagrado. A capela não se impunha sobre a paisagem, ela se integrava. Estava ali como quem foi chamada a ser: pequena, modesta, mas carregada de significados.

Foi construída em 1965, sobre um terreno doado por Ana Kologi, uma das primeiras moradoras da região. O nome da capela surgiu da imagem de Nossa Senhora da Luz, doada por Pedro Walesco — um morador da comunidade que, movido por uma promessa feita por sua esposa, ofereceu a imagem como forma de gratidão.

Esse gesto simples carregava um simbolismo profundo: foi a fé de uma família que deu origem ao espaço de fé de muitos. Uma contribuição afetiva que ultrapassou o íntimo e se tornou parte do patrimônio coletivo de Pinhais.





E, como toda promessa que se transforma em ação, ela foi acolhida e edificada pelas mãos dos moradores: Euclides, Heitor, João, Hipólito, Paulo e tantos outros que ofereceram mais que madeira — ofereceram fé.

Luiza fotografava como quem recolhe gestos. Observava os detalhes da alvenaria simples, o entorno verde que abraçava a construção, o céu que parecia mais próximo ali.

A capela tinha sido reformada, sim, mas preservava, em sua essência, o que nenhuma restauração apaga: sua origem comunitária, sua vocação de acolher.

Em 11 de setembro de 1968, seis crianças fizeram ali a Primeira Eucaristia, a primeira

grande celebração da capela.

Luiza imaginava os risos tímidos, os bancos cheios, o perfume do campo misturado ao incenso. Desde então, cada missa, cada batizado, cada promessa renovada mantinha viva a missão daquele lugar.

Hoje, a capela ainda pulsa. Com eventos ao ar livre, um bosque acolhedor e uma vista que revela não só a beleza da região, mas o tempo que ali repousa.

Enquanto se afastava devagar, com a câmera ainda nas mãos, Luiza sussurrou em pensamento:

No silêncio das missas,
nos bancos gastos de oração,
vive o amor que não se vê —
mas se sente, em comunhão.

*Promessa feita, promessa cumprida —
e transformada em altar.*

- Autora



*“Amar não é olhar um para o outro, é olhar juntos
na mesma direção.”
— Antoine de Saint-Exupéry*



ONDE A ARTE MORA

Entre esculturas e afetos, o tempo esculpe memórias.

Saindo da Capela Nossa Senhora da Luz, Luiza seguiu a pequena estrada de chão que margeia as árvores altas. O caminho era breve, mas parecia conduzir a um outro universo — um em que a fé, antes presente nas paredes brancas da capela, agora se manifestava pelas mãos de um artista.

Ali, logo após uma curva singela e sombreada, estava o Ateliê Corbellini.

Luiza chegou ao Ateliê Corbellini com a sensação de estar prestes a entrar em outro tempo — não o passado registrado em pedra ou retrato, mas um tempo suspenso, onde a arte não apenas é criada, mas vivida.



Logo na entrada, foi recebida por figuras Guardiãs: esculturas de macacos em fibra de vidro, cobertas por musgos — como se a própria natureza reconhecesse ali um templo.

Ao cruzar o portão, a curiosidade transformou-se em silêncio respeitoso. Cada escultura, máscara, espada e detalhe do espaço parecia contar uma história — algumas já narradas em exposições e livros, outras ainda guardadas no silêncio do ateliê. Era preciso olhar com tempo, com cuidado, com reverência — exatamente como fazia o anfitrião daquele mundo: o artista Luciano Corbellini.



CADA FORMA AQUI CARREGA SILÊNCIO,

mas vibra com a energia de quem vive para transformar matéria em sentimento.

Luiza logo percebeu que o ateliê era mais do que um espaço de criação — era a extensão de um coração apaixonado.

O Sr. Luciano, com seus gestos calmos e fala serena, apresentava cada obra como se fosse um amigo antigo, revelando significados, texturas e origens com um brilho nos olhos que só os que vivem sua missão co-

nhecem.

Ele não mostrava arte — ele a partilhava, com generosidade e orgulho.

A casa-ateliê era viva.

Gatos caminhavam entre as plantas e esculturas; os cactos, em vasos, eram quase esculturas por si só; e os anjos de gesso repousavam como sentinelas de calma.



*“No silêncio do ateliê, a arte floresce
como quem respeita o ritmo da
natureza e da alma” – Autora.*

Máscaras africanas se misturavam a bustos em argila. Um guerreiro de armadura segurava uma lanterna vermelha, como se guardasse a chama simbólica que ali nunca se apaga: a da criação.

Mais adiante, no jardim, uma grande escultura em forma de mão parecia oferecer o céu a quem passasse. Estava rodeada por bustos, figuras femininas, animais e símbolos diversos. As formas orgânicas conversavam com a vegetação, como se tivessem

nascido dali.

Luiza caminhava entre as obras com o cuidado de quem não quer despertar algo sagrado. Cada imagem que capturava com sua câmera era também uma forma de gratidão — por estar ali, por testemunhar, por sentir

Entre uma escultura e outra, o tempo parecia ceder. Ali não havia pressa.

Luciano ofereceu um café, contou histórias, riu das visitas inesperadas dos pássaros e dos gatos.





*“Deixo o ateliê em silêncio, mas levo
comigo o som invisível da arte que
ainda ecoa por entre as árvores.”*

Enquanto compartilhava histórias, Luciano falava com leveza sobre sua própria trajetória. Contava como a arte ocupou sua vida e sua casa — e como a beleza, mesmo quando esquecida, sempre encontra um modo de reaparecer: em pedra, em ferro, em madeira... ou no olhar atento de quem sabe enxergar.

Antes de sair, Luiza percebeu, quase como um sussurro no cenário, um anjo de olhos fechados, escondido entre formas grandiosas, mas capaz de tocar, com doçura, quem parasse para vê-lo. E pensou: é assim que a arte toca — sem alarde, mas profundamente.

Com a alma tocada, Luiza agradeceu ao artista e seguiu adiante, com a certeza de que o próximo destino também carregava em si a memória da criação.



Deixando o Ateliê Corbellini, Luiza retomou o caminho de volta pela estrada tranquila, onde a paisagem ia mudando devagar — das esculturas silenciosas para as ruas mais movimentadas da cidade. Aquele trecho parecia uma travessia entre dois mundos: o da introspecção e o do pulsar coletivo.

O próximo destino não era tão próximo fisicamente, mas, emocionalmente, parecia dar continuidade ao que ela havia acabado de viver.

Em breve, chegaria ao Centro Cultural Wanda dos Santos Mallmann — onde, mais uma vez, a arte encontraria morada. Agora, não em silêncio, mas em movimento.

Curioso pensar que aquele espaço, hoje dedicado à cultura e à educação, já foi uma praça viva, rodeada de bares e marcada pela boemia das décadas passadas. Como se a cidade, com o tempo, tivesse reinventado seus encontros sem nunca perder a essência de ser ponto de encontro.

ONDE A CULTURA GANHA CORPO E VOZ

Um espaço onde o tempo se move ao ritmo da arte, da educação e da memória viva.

Luiza chegou ao Centro Cultural Wanda dos Santos Mallmann com o coração ainda cheio do de histórias do Ateliê Corbellini. Mas ali, naquele edifício de traços modernos, havia outra pulsação. Não era o som da calma — era o som da vida em movimento.

O prédio exibia linhas contemporâneas, amplas janelas de vidro e volumes geométricos que pareciam convidar a cidade a entrar. Dentro, paredes brancas contrastavam com risos, vozes e sons que ecoavam das salas de músicas e do palco

de teatro. Cada ambiente respirava criação coletiva. Era como se ali a arte tivesse se multiplicado em formas de expressão — e ganhado corpo, fala e vontade.

Luiza caminhou devagar pelos corredores. Observava alunos em ensaios, professores organizando materiais, exposições que contavam histórias com objetos e memórias vivas.

O centro cultural não é só um espaço — é um organismo.

*“Neste centro, a arte não se expõe apenas —
ela respira junto com quem passa por aqui.”*

- Autora



UM LUGAR ONDE A ARTE ENCONTRA AS PESSOAS,

ainda em formação, onde o cotidiano é matéria-prima para o belo.

O nome que batiza o espaço homenageia uma mulher forte, símbolo de educação e superação: Wanda dos Santos Mallmann, que deixou marcas profundas na cidade por meio da cultura e da participação comunitária. Mesmo sem estar esculpida em bronze, sua presença está nas ações, nas oficinas, nos corredores, nos aplausos que ecoam do palco — e também nos troféus dos festivais, que carregam o brilho de tantas conquistas coletivas.

Ali, Luiza entendeu: a cultura é o lugar onde a cidade se reconhece. Não por aquilo que constrói de concreto, mas por aquilo que constrói dentro das pessoas.



O MURO E SUAS ORIGENS

A arte que pulsa das raízes para os olhos do agora.

Após a visita ao Centro Cultural Wanda dos Santos Mallmann, Luiza sentia que estava pronta para olhar para fora — não apenas com o olhar de quem observa, mas com o olhar de quem reconhece.

Seguiu caminhando, como quem permite que a cidade revele o próximo passo.

O que a chamava não era um destino, mas um muro. Um imenso painel se revelava ao longo da Avenida Maringá, quase como um livro aberto, onde a história se pinta em capítulos de cor.

Era o Painel Origens — obra que não precisava de moldura, porque sua moldura era o próprio tempo.

Cada rosto, cada traço, cada animal retratado parecia dialogar com ela, como se dissesse: “você também veio daqui.”

A mata, os povos indígenas, os olhares profundos e as expressões de força e ternura traziam não apenas uma estética urbana, mas uma alma exposta em spray, pinceladas e talento.

A arte ali não era apenas arte — era afirmação.

Um mural que dizia: “estamos vivos, somos parte, somos voz.”

O olhar de uma criança indígena sorrindo, ao lado da firmeza de um felino em repouso, carregava mais emoção que muitos livros.

Luiza se deixou tocar.

Parou, observou, fotografou.

Sentiu-se pequena e grande ao mesmo tempo.

*“Entre concreto e cor, a cidade
lembra de onde veio — e pra onde
precisa olhar.” - Autora*





*“Nas paredes do tempo, os rostos
ancestrais nos lembram quem
somos e de onde viemos.” – Autora*

*“A arte é um espelho daquilo que somos
e daquilo que tememos ser.”
— Frida Kahlo*





Com os olhos ainda mergulhados na intensidade do mural, Luiza se afastou alguns passos e notou algo além das imagens: o movimento ao redor. Carros, bicicletas, vendedores, mães com filhos pela mão, trabalhadores cruzando a avenida.

A arte não estava apenas no muro — ela ecoava no cotidiano, no suor das pessoas, na pressa e na pausa, na vida que corria ao lado das cores. Era como se o mural servisse de espelho para a cidade: refletia sua força, sua mistura, sua luta.

Foi nesse instante que Luiza lembrou da Avenida Iraí. Talvez por causa daquele reflexo vivo, talvez pela simplicidade que ambos os lugares carregavam. A Iraí fazia parte da sua rotina: onde buscava o pão, onde esperava o ônibus, onde cruzava olhares com desconhecidos que, dia após dia, se tornavam familiares.

Aquela avenida era mais do que comércio ou trânsito — era um traço contínuo da cidade em movimento.

*A arte não grita nos muros — ela sussurra a ancestralidade
de um povo com cada traço de cor.*

- Autora

POR ONDE A CIDADE PULSA E A VIDA SE REVELA EM DETALHES.

Avenida Iraí

Luiza seguiu caminhando com a lembrança fresca da arte no muro e a certeza de que, embora o painel ficasse para trás, a beleza seguiria com ela. Ao chegar à Avenida Iraí, não precisou de muito tempo para sentir: ali, tudo era movimento.

Diferente do silêncio do ateliê ou da poesia estática dos murais, a Iraí falava alto — com buzinas, com vozes, com cores nas fachadas e com o vento carregando cheiro de pastel e pão quente.

Aos olhos de quem passa apressado, pode parecer apenas uma via comercial. Mas Luiza sabia que a Iraí era mais.

Cada loja tinha uma história, cada caixa de som com promoção anunciada escondia o esforço de quem abriu cedo e fecharia tarde. Era ali que ela ouvia as novidades do bairro, encontrava conhecidos e criava memórias que não pediam moldura — mas permaneciam.

Em meio às fachadas coloridas e aos postes de fios enroscados, havia vida que não era editada.

Os contrastes de vitrines com portas fechadas, de bancos de concreto com flores nos canteiros, mostravam que a cidade resistia — e se reinventava diariamente. a cidade resistia e se reinventava diariamente.

“Entre fios, fachadas e feiras, a cidade se revela em sua forma mais autêntica: viva.”

- Autora







Havia beleza no que não era planejado — no imprevisto da feira, no cachorro que dormia à sombra de uma barraca, no sorriso que vinha de graça.

Enquanto caminhava, Luiza também fotografava com os olhos. Não precisava da câmera para registrar o que realmente importava. Sabia que a verdadeira paisagem da cidade mora onde a vida acontece: no comum, no gesto, no entre..



DE VOLTA PARA DENTRO.

Depois de tanto ver por fora, era hora de voltar — para si, para casa.

A tarde já caminhava para o fim quando
Luiza dobrou a última esquina da Rua Irai.
O sol começava a se esconder entre os fios
de luz que atravessavam o céu da cidade,
desenhando riscos dourados no concreto
dos prédios.
O corpo pedia descanso, mas a mente —
ah, a mente ainda fervilhava.

Ela caminhava com passos mais lentos, carregando não só a câmera, mas as histórias que havia guardado em silêncio ao longo do dia.
A estação, o bosque, a igreja, o ateliê, o centro cultural, o painel, a rua.
Pinhais não era mais apenas cenário — era personagem. Era memória. Era linguagem.

Luiza atravessou a porta de casa com a luz da rua ainda nos olhos.
Deixou a câmera sobre a mesa e, antes mesmo de tirar os sapatos, abriu o com-

putador.
Precisava organizar as imagens.
Mais do que isso: precisava transformá-las em palavras, em ritmo, em páginas.
Não para mostrar o que viu — mas para fazer com que as pessoas sentissem.

Queria que cada leitor percebesse o que ela percebe quando olha para um muro pintado ou para uma igreja pequena no alto de um bairro.
Queria que, ao verem um par de tênis pendurado num fio de luz, não enxergassem apenas abandono, mas um capítulo.
Um retrato de uma cidade que fala — mesmo que baixinho.

Afinal, Luiza sempre acreditou:
fotografar é ouvir com os olhos.
E escrever é dar voz ao que a cidade tenta dizer — entre linhas e tijolos.

E foi com esse pensamento que ela se permitiu parar. Pela primeira vez no dia, Luiza não procurou enquadramento. Sentou-se perto da janela, com o sol ainda atravessando as frestas, e apenas observou. A cidade, do lado de fora, continuava viva — mas agora, dentro dela, também morava uma cidade inteira. Cada clique havia se tornado memória. Cada rua, um capítulo. E cada silêncio, uma história contada sem palavras.

Sentia que o livro não era um fim, mas um começo. Uma forma de dizer às pessoas: “olhem de novo”. Porque Pinhais, como

tantas outras cidades, é feita de camadas. E só quem anda devagar — com os olhos e com o coração — consegue enxergar o que existe entre linhas e tijolos.

Ela sorriu. Não havia pressa. A cidade continuaria ali amanhã, com seus ruídos e suas pausas, esperando para ser lida outra vez. E talvez, ao abrir o livro, alguém se sentisse tocado do mesmo jeito que ela se sentiu ao fotografar. Porque, no fundo, é isso que Luiza sempre quis: que a cidade fosse sentida, antes de ser explicada.



AGRADECIMENTOS

A cada página escrita, muitas outras foram sentidas.

Este livro nasceu da saudade, da curiosidade e do amor. E, como tudo que é verdadeiro, ele não foi feito sozinha.

Agradeço, com o coração cheio, à minha mãe — que me deu colo nos dias em que a saudade da Flavia apertava e a ausência do meu pai Marcos virava silêncio dentro de mim.

Foi ela quem esteve ao meu lado desde o início, acompanhando cada linha, e se emocionando já nas primeiras palavras da dedicatória. Seu carinho sustentou a parte invisível desta obra.

Ao meu noivo, Cleverson, minha gratidão pela companhia paciente, pelo incentivo constante e por se dedicar com tanto empenho a cada etapa dessa caminhada. Sua presença foi farol e força nos momentos em que a inspiração parecia cansar.

E um agradecimento cheio de ternura à minha sobrinha Luiza — nome que carinhosamente emprestei à personagem principal deste livro. Porque ela é, sem dúvida, a alegria da nossa casa e a inspiração diária que me faz continuar criando, sonhando e amando com leveza.

